

Vaqueiros do Mar de Bitupitá, Ceará: a pesca de curral e os direitos de populações tradicionais.

Antônia Gabriela Pereira de Araújo¹
Lea Carvalho Rodrigues²

RESUMO

A proposta desta comunicação é refletir e discutir sobre o tratamento jurídico dado aos pescadores de currais da praia de Bitupitá, no estado do Ceará, diante de dilemas postos pela legislação que trata de povos e comunidades tradicionais. Vale ressaltar que os modos de saber e viver dos povos e comunidades que vivem na costa do Nordeste do Brasil, encontram-se inseridos em múltiplos contextos de implementação de políticas de desenvolvimento, como as políticas públicas voltadas para o turismo, para a geração de energia eólica e para o desenvolvimento da carcinicultura. A análise será feita a partir de pesquisas etnográficas realizadas na praia de Bitupitá no período de junho de 2010 a junho de 2015.

Palavras-Chave: Turismo, Povos e Comunidades tradicionais, Direitos territoriais, Pesca de curral, Ceará.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará/UFC. E-mail: sociaisufc@gmail.com

² Professora Associada do departamento de Ciências Sociais/UFC. Doutora em Ciências Sociais pela UNICAMP. E-mail: leaufc@gmail.com

Introdução

Considerado que a zona costeira do Estado do Ceará é habitada milenarmente por mais de cem povos e comunidades³ tradicionais (Tupinambá, 1999) e que essa zona é atualmente foco da implementação de políticas públicas de desenvolvimento de interesse público e privado o que gera um adensamento de atividades econômicas emergentes na região, como a indústria de energia eólica e a indústria de carcinicultura, uma análise do tratamento jurídico dado aos povos e comunidades tradicionais se faz imprescindível para essa comunicação.

Vale ressaltar que as terras habitadas por essas comunidades são, na sua maioria, áreas da Marinha, ou seja, bens da União; há também áreas de uso comum e de preservação permanente e os habitantes não têm a titularidade das terras. Além do mais, grande parte das terras da União⁴, bem como as APP's (Área de Preservação Permanente) não foram regularizadas, isto é, não foram mapeadas e reconhecidas pelo Estado como terras habitadas por comunidades que têm um modo de vida tradicional.

Dentro desse contexto, tomaremos como foco empírico de análise a prática artesanal da pesca de curral realizada pelos pescadores da praia de Bitupitá, distrito de Barroquinha pertencente ao estado do Ceará, já que se trata de uma prática perpassada e cingida por todas as dimensões da vida social local e praticada há séculos pelos pescadores da referida praia a partir de técnicas, saberes e de um arsenal de conhecimentos transmitidos de pai para filho, conhecimentos esses que são apreendidos no cotidiano e são recriados no fazer da pesca de curral pelas gerações mais novas.

³ Irei me valer do termo “comunidade” em referência à Política Nacional de Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT). Little no texto “Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade (2002) retoma a noção de “povos e comunidades tradicionais” e a examina à luz de três elementos, quais sejam: o regime de propriedade comum, o sentimento de pertença a um lugar e a profundidade histórica da ocupação guardada na memória coletiva. Dentro desse contexto posto pelo autor o conceito de povos e comunidades tradicionais encerra, tanto uma dimensão empírica quanto uma dimensão política, de tal modo que as duas dimensões encontram-se profundamente associadas.

⁴ Terrenos da União e seus acrescidos são aqueles que de acordo com o Decreto Lei N° 3.438, de 17 de Julho de 1941 encontram-se em uma profundidade de 33 metros, medidos para a parte de terra, do ponto em que se passava a linha do preamar médio de 1831. Assim, são terras da Marinha os terrenos situados no continente, na costa marítima e nas margens dos rios e lagoas, até onde se faça sentir a influência das marés e os que contornam as ilhas situadas em zona onde se faça sentir a influência das marés. Conforme o referido Decreto a influência das marés é caracterizada pela oscilação de cinco centímetros, pelo menos, do nível das águas (atração luni- solar) que ocorra em qualquer época do ano. São terrenos acrescidos de marinha os terrenos que se tiverem formado, natural ou artificialmente, para o lado do mar ou dos rios e lagoas, em seguimento nos terrenos de marinha.

Partimos do pressuposto que a realização da pesca de curral somente é efetivada com sucesso na praia de Bitupitá quando acompanhada da observação detalhada e da construção de um arsenal de saberes sobre o meio natural. Levamos em consideração que os saberes construídos, não são fixos, mas são recriados no fazer rotineiro da pesca de curral e são somados aos conhecimentos de outras gerações. A perspectiva simbólica da pesca de curral é enfatizada nesse artigo gerando reflexões sobre o sistema de saberes construídos e reconstruídos para o exercício da referida atividade. Consideramos o conjunto de conhecimentos dos pescadores de curral como uma arte e uma ciência da natureza, no sentido que Lévi-Strauss (1989) dá ao pensamento concreto⁵, uma vez que para se tornar um pescador de curral é preciso conseguir interagir, antes de tudo, com os recursos naturais e ter percepções do tempo e do espaço diferentes daquelas da sociedade abrangente – na qual a localidade está inserida – já que os riscos e as incertezas das atividades pesqueiras exigem um arcabouço de conhecimentos detalhados e exatos ligados ao meio ambiente (ARAÚJO, 2013).

O arcabouço de dados utilizados decorre de pesquisas etnográficas⁶ incentivadas pelo projeto-base intitulado “Antropologia e políticas públicas: incentivo ao turismo no extremo-oeste da costa oeste cearense e impactos sobre comunidades locais”, creditado pela professora Lea Carvalho Rodrigues, que tem dentre os principais interesses, principalmente o de realizar estudos etnográficos em três pequenos núcleos populacionais – Nova Tatajuba, Maceió e Bitupitá (CE) – no intuito de acompanhar e apreender o processo de mudanças vivenciado pelas comunidades de pescadores e agricultores que vivem nessas áreas, em razão da expansão do turismo na região⁷.

Levando em consideração que o povoado de Bitupitá é um território tradicionalmente ocupado, isto é, habitado há mais de cem anos por comunidades que realizam práticas tradicionais de produção e reprodução dos seus modos de viver, sentir

⁵ Lévi- Strauss defende que os saberes, tanto o científico como o tradicional, repousam ambos sobre as mesmas “operações lógicas e, mais, respondem ao mesmo apetite de saber: procuram entender e agir sobre o mundo” (LEVI-STRAUSS, 1962, p. 53).

⁶ A primeira foi realizada entre julho de 2010 até junho 2013 para a elaboração da monografia intitulada “Modos de saber, fazer e viver. Uma etnografia dos ‘guardiões de currais’ da praia de Bitupitá (Barroquinha- CE)”. A segunda, realizada entre janeiro de 2014 até o presente momento, é fruto do projeto de mestrado em Sociologia, intitulado: “Vaqueiros do Mar de Bitupitá, Ceará: a pesca de curral e os direitos de comunidades tradicionais”.

⁷ A região está inserida no roteiro turístico denominado Rota das emoções que foi criado pelo Ministério do Turismo e é parte integrante do Programa de Desenvolvimento do Turismo NE II (PRODETUR) que visa interligar diversas localidades dos estados do Ceará, Piauí e Maranhão – entre elas: Jericoacoara, no Ceará, o Delta do Parnaíba, no Piauí, e os Lençóis Maranhenses – criando um extenso corredor turístico regional (a respeito vide RODRIGUES; SANTOS, 2012; ARAÚJO e ARAGÃO, 2014).

e pensar e que esta região é situada em terras da União que ainda não foram regularizadas, ou seja, a comunidade ainda não possui os títulos de propriedades das terras, é crucial para essa comunicação tecer um diálogo da antropologia e políticas públicas⁸.

Nesse sentido, apresentamos inicialmente as características da pesca de curral, depois faremos uma análise das dimensões simbólicas que estão imbricadas na realização da referida prática e em seguida tratamos da discussão acerca dos acordos e dos dilemas existentes entre as políticas públicas de turismo e os dispositivos constitucionais que asseguram os direitos territoriais das comunidades tradicionais.

O contexto etnográfico de Bitupitá (Ceará).

O povoado de Bitupitá, foco empírico da análise etnográfica, é distrito do município de Barroquinha que tem 14.476 habitantes (IBGE, 2010), sendo 9.770 localizados nas zonas urbanas do município e 4.706 pertencentes à zona rural. O distrito de Bitupitá está entre os distritos da zona rural e, segundo informações cedidas pelo Programa Saúde da Família (PSF) é habitado por cerca de 4.000 pessoas. Trata-se de famílias de pescadores e marisqueiras que têm na pesca de curral e na coleta de mariscos nos estuários do Rio Timonha e Ubatuba o principal meio de produção e reprodução sociocultural.

No ano de 2012 havia mais de trinta currais instalados em alto mar na referida praia, bem como 35 embarcações⁹ existentes na orla marítima (ARAÚJO, 2012). A praia é considerada uma das maiores Colônias de Pescadores do Ceará, já que é constituída por mais de 1.500 pescadores artesanais que realizam a técnica da pesca de curral e atividades associadas a ela¹⁰. Em 2015 foram registrados pelo menos quarenta currais de pesca em funcionamento na praia de Bitupitá.

⁸ Vide RODRIGUES, L. C., ORTOLAN, M.H. e GONÇALVES, A.F. Antropologia e políticas públicas: dos encontros históricos ao diálogo teórico e metodológico. In Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico. Lea Carvalho Rodrigues e Isabelle Braz Peixoto da Silva (Orgs.). Fortaleza, ABA publicações, 2014.

⁹ No ano de 2011 foram inseridos os primeiros motores nas embarcações da praia de Bitupitá. No referido ano havia apenas três motores, denominado “rabeta” pelos moradores locais, usados para a realização dos trabalhos nos currais mais distantes da orla da praia, que, naquele período, chegava a doze quilômetros de distância da orla. Atualmente, todos os donos de currais e de embarcações já possuem o motor e usam quando os fatores climáticos como a direção dos ventos ou as movimentações das marés dificultam a entrada no mar.

¹⁰ O número consiste na quantidade de pescadores e pescadoras registradas (os) na Colônia de Pescadores Z – 23 no ano de 2012.

Na última pesquisa de campo, em janeiro de 2015, o contexto de mudanças “culturais”, territoriais e sociais que acompanho desde 2010 na região estava em nível acelerado, sobretudo pela abertura de uma estrada asfaltada¹¹, construída em outubro de 2014, ligando a praia de Bitupitá ao município de Barroquinha¹².

Bitupitá está localizado no extremo oeste do litoral cearense, fazendo divisa com o estado do Piauí, tendo como fronteira natural a foz dos rios Timonha e Ubatuba. Uma parcela do território da praia de Bitupitá está inserida na Área de Proteção Ambiental (APA) do Delta do Parnaíba (PI), devido o complexo ecológico formado pela disposição de campos de dunas e manguezais, encontrados as margens do sistema estuarino Timonha/Ubatuba. Para se chegar até a referida praia é necessário acessar a estrada do Sol Poente que tem um percurso que sai da capital Fortaleza e passa por todo o litoral Oeste do estado do Ceará até chegar ao percurso que interliga a cidade de Barroquinha aos municípios de Camocim e a Jijoca de Jericoacoara¹³.

A organização espacial de Bitupitá é constituída por quatro ruas que recebem os seguintes nomes: “rua da praia”, “rua do meio”, “rua do comércio” ou rua principal e a “rua do mangue”, todas essas ruas são paralelas à orla da praia e estão interligadas por pequenas vielas. O espaço da orla da praia é o lugar de trabalho, de lazer e de sociabilidades entre os pescadores e os seus familiares. Na praia estão presentes as crianças que brincam de jogos denominados “rede de arrasto” e “balançador de barco”¹⁴, também estão os pescadores construindo barcos, tecendo redes e esteiras, os jovens jogando futebol e as mulheres que tratam¹⁵ os peixes. Sobre as brincadeiras das crianças, interessante perceber que universo que constitui as brincadeiras são elementos utilizados na própria pesca de curral.

É importante vislumbrar que não há nenhum tipo de seguro defeso para os pescadores artesanais da praia de Bitupitá, ainda que exista desde 1919 na região uma

¹¹ Antes da construção da estrada asfaltada o percurso até a praia de Bitupitá era feito por estrada de terra batida.

¹² Iremos nos deter melhor sobre os efeitos da construção dessa estrada para os moradores locais no último tópico dessa comunicação.

¹³ A referida estrada foi construída para facilitar o acesso às praias que constituem o roteiro turístico denominado *Rota das Emoções* que visa interligar dentro de um mesmo corredor turístico as praias do litoral extremo oeste, conhecidas pela extraordinária riqueza natural e beleza paisagística, indo desde a praia de Jijoca de Jericoacoara, no Ceará, passando pelas praias do Piauí até Barreirinhas, no Maranhão.

¹⁴ As referidas brincadeiras se baseiam em jogos usando alguns apetrechos utilizados na pesca de curral, como o próprio barco ou/e uma corda usada como “rede de arrasto”.

¹⁵ Nome usado para se referir ao ato de retirar as vísceras dos peixes.

Colônia de Pescadores, denominada Z-23. Segundo relato do Presidente da referida Colônia há muitos pescadores não associados ao referido órgão e os que estão associados não pagam regularmente a mensalidade cobrada no valor de R\$ 20,00. Há, ainda, um Sindicato de Pescadores e Pescadoras da Praia de Bitupitá que foi fundado em 2012. No entanto, um elemento de destaque é que os dois fundadores das referidas instituições não são, nem foram pescadores. O presidente da Colônia integra a “família Veras”, uma das duas famílias detentoras de poder político local¹⁶.

Em conversa com o presidente da Colônia esse relatou que “incentiva” os jovens da região a irem trabalhar na marinha, já que quase todos os seus parentes que estão “bem financeiramente” foi devido ao trabalho realizado na marinha mercante. Tanto os homens quanto as mulheres da região com faixa etária de 18 a 29 anos dedicam-se a estudar para a prova de seleção, respectivamente, da marinha mercante e para o setor de enfermagem dos navios no estado do Rio de Janeiro. Ir trabalhar na marinha é uma das poucas opções para quem deseja “melhorar de vida” na praia de Bitupitá¹⁷.

A Pesca de curral na praia de Bitupitá

Em 1958, o antropólogo Florival Alves Seraine estudou sobre uma arte de pesca presente no litoral do Ceará que consistia na construção de grandes armadilhas de cipós e madeiras instalados em alto mar. O referido autor vislumbra, citando alguns autores como, Sainz e Sancho, o registro do uso dessa modalidade de pesca desde 1801, estando dentre os principais tipos de pescarias realizadas neste século, sendo encontrada em países do continente africano, europeu e americano. O uso do referido artifício, que pode mudar de denominação de acordo com o lugar que é praticado (por exemplo, gamboa e camboa em Moçambique, cercada no Pará e curral no Ceará e Pernambuco), é usado por ocasião dos movimentos das correntes de marés e construído através de uma relação peculiar com os fenômenos naturais de forma a garantir o funcionamento pleno da armadilha.

¹⁶ Há na região dois grupos políticos que dominam a cena política local, são denominados: os “cara preta” e os “fundo mole”.

¹⁷ Em relação a esse ponto, Ramalho (2014), aponta que a ação do Estado brasileiro, ao longo do anos, buscou, segundo seus interesses e os das elites econômicas, levar os pescadores artesanais à modernidade, tutelando e, em maior medida, transformando a força de trabalho dessa fração de classe social, primeiramente, em reserva naval para a Marinha Brasileira, e, depois, em mão de obra para as formas capitalistas de produção pesqueira (pesca industrial e aquicultura).

Segundo alguns autores (CHAVES, 1973; SERAINE, 1958; TUPINAMBÁ, 1999) o surgimento da pesca de curral no Ceará, que em meados do século 70 era praticada em quase todo litoral do referido estado, tem relação direta com o florescimento da pecuária no Nordeste, em particular no Estado do Ceará. Para os referidos autores a técnica de pesca com imensas armadilhas instaladas em alto mar surgiu como tentativa de aplicar no mar um sistema tecnológico que fosse semelhante ao complexo da pecuária que teve resultados positivos e de alto prestígio no Ceará (CHAVES, 1973) ¹⁸. Segundo Chaves (1973) a hipótese da influência da criação de gado sobre a pesca de curral se baseia, sobretudo ao fato de existir na pesca de curral muitas das regras e categorias existentes na pecuária. Além do nome da técnica ser denominada “curral”, mesmo nome do estabelecimento de criação de gado, há também os compartimentos da grande armadilha que recebe os seguintes nomes: “chiqueiro”, “sala grande”, “salinha” e “espia” (ARAÚJO, 2013). Além disso, os principais trabalhadores dessa atividade são chamados de “vaqueiro” e “mata–vaqueiro”¹⁹. Outro elemento semelhante do curral de peixe com o curral de gado diz respeito à divisão do dinheiro, que na pesca de curral é realizado pelo sistema quatro por um²⁰, o mesmo que prevalecia nas relações de trabalho da pecuária (CHAVES, 1973).

Não se sabe ao certo quanto a real associação dessas duas atividades econômicas, mas em Bitupitá a referida técnica é praticada há milênios por homens chamados de “vaqueiros” que realizam trabalhos artesanais em todas as etapas da pesca de curral. A maioria dos moradores de Bitupitá tem a pesca de curral e as atividades relacionadas a ela como principal fonte de renda e a praticam durante todos os períodos do ano, isto é, tanto no inverno quanto no verão os pescadores realizam a referida atividade. Talvez devido a isso a região seja conhecida por suas técnicas de pesca com curral. É importante destacar que algumas características geográficas da costa da praia de Bitupitá favorecem a prática da pesca de curral, como, por exemplo: as amplitudes

¹⁸ A dissertação escrita por Luiz de Gonzaga Mendes Chaves em 1973 sob o título “*Trabalho e subsistência Almofoala: aspecto da tecnologia e das relações de produção*” tece reflexões sobre as relações pesqueiras no âmbito da antropologia e faz uma análise criteriosa a respeito da pesca de curral da praia de Almofoala, no município de Acaraú no estado do Ceará. Nesse estudo o referido autor já registrava indícios da decadência da prática da pesca de curral no Nordeste do Brasil.

¹⁹ Há outras classificações dadas aos homens que exercem as funções da pesca de curral, sendo eles: o “boqueiro”, o “enlaçador”, o “mergulhador”, dentre outros. Mas irei me deter sobre esse tema mais adiante.

²⁰ Trata-se de uma divisão de dinheiro em que o dono do curral fica com 40% do ganho total da pescaria, ou seja, se a pesca render R\$ 100, R\$ 40,00 é do dono do curral e 60% é dividido para os demais pescadores, que na maioria das embarcações somam em número de três a cinco homens.

das marés associadas aos terrenos de fraca declividade e a existência de baixios próximos às margens, além do fator luminosidade e da temperatura das águas quentes da corrente Norte Brasileira, como expos Chaves (1973), são fatores do meio natural que também são essenciais para os resultados positivos da pesca de curral em Bitupitá. Um dos marcadores²¹ de curral da praia faz o relato de como acontece o uso da técnica de captura dos peixes através do curral:

Na “carreira da vazante”²², ele bate aqui (compartimento do curral). Quando ele bate aqui (espia²³) ai ele já parte pra frente, ai quando ele chega ao fim da espia (...). Essa boca aqui ela é mais larga (boca da sala grande) essa aqui já é um pouco menor (boca da salinha), essa aqui é a última a mais estreita (boca do chiqueiro)²⁴. Quando o peixe vem na carreira d’gua (espia) ele bate aqui, porque isso aqui tudo é arame olha, ela é toda cercada de arame lá. Só tem as entradas aqui, ai quando ele bate aqui e chega aqui e remexe por aqui, muitas vezes ele volta, porque essa largura aqui dá 15 braças de extensão (boca da sala grande), bem larga. Ai quando ele chega aqui (meio da sala grande) muitas vezes ele parte logo pra cá, pra esse segundo compartimento (salinha) aqui, esse deposito aqui a boca já é mais estreita, aqui ele fica quase cercado já, ai quando ele parte pra frente e chega nesse último depósito aqui (chiqueiro) é nesse aqui onde ele fica mais seguro. Aqui ele fica, aqui ele morre²⁵. (João Estevão, 74 anos. Entrevista gravada em 07 de janeiro de 2015)

Segundo depoimentos dos pescadores de curral da praia de Bitupitá o fundamento dessa técnica reside no fato dos peixes irem seguindo, durante a vazante da maré, as sombras dos mourões e das varas da “espia”²⁶, projetadas na água durante o dia (ARAÚJO, 2012). O fato dos peixes irem seguindo a sombra dos cipós e da madeira seria para muitos dos pescadores da praia de Bitupitá um dos fatores determinantes na condução do peixe para o interior da armadilha. Após ter seguido a sombra dos mourões e varas da “espia” o cardume tenta desviar do obstáculo que tem forma de coração denominado a sala grande, mas não acha passagem, tanto devido à construção sinuosa dos arranjos das cercas do curral, quanto pelo fato dos compartimentos de captura estar combinados um ao outro, de forma que o percurso conduz o peixe do interior de um

²¹ O nome se refere à ação de determinar o “chão de mar” mais adequado de acordo com a observação da dinâmica natural para a construção da armadilha de pesca chamada curral.

²² Nome dado ao movimento do peixe quando ele segue a estrutura do compartimento do curral chamado de “espia”. Isso ocorre durante a maré vazante, por isso o nome “corrente da vazante”.

²³ Nome de uma cerca retilínea de cipó e madeira roliça, chamada mourão, instalada em alto mar.

²⁴ “Boca da sala grande”, “boca da salinha” e “boca do chiqueiro” são denominações dadas às aberturas que ligam um compartimento ao outro do curral.

²⁵ Quando o pescador usa “morre” nesse momento ele se refere ao fato do peixe não ter mais como escapar da armadilha, mas o peixe é capturado ainda vivo pelas redes dos pescadores.

²⁶ A espia é um dos primeiros compartimentos do curral. É formada pelo alinhamento de duzentos mourões, posicionados em linha reta de acordo com a linha média do curral tirada na marcação, formando uma cerca que finaliza em outro compartimento do curral, conhecido como “sala grande”.

para outro compartimento até chegar ao compartimento final, o “chiqueiro”, onde o peixe é capturado ainda vivo.

Para instalação dessas armadilhas, os pescadores de Bitupitá observam os fluxos das correntes de maré para construírem os grandes cercados. A área onde são levantados os currais possui uma profundidade que varia conforme a distância da costa, entre dois até vinte metros, as armadilhas são encontradas a uma distância de três até dez milhas náuticas (mn) em direção ao oceano. Na referida praia essas armadilhas chegam a medir de 400 a 700 met. de comprimento por 6 a 12 met. de altura e são construídas geometricamente de forma artesanal com cipós, varas e mourões – estacas de madeira feitas a partir do tronco de árvores – fincados verticalmente em águas rasas ou profundas da plataforma continental e revestidas com esteiras de arame e cipó (Araújo, 2013).

Segundo os pescadores da praia de Bitupitá informam, para construir um curral é preciso conhecer tanto os fenômenos climáticos e as espécies biológicas marítimas, quanto é necessário ter conhecimento da flora, isto é, os construtores de currais precisam conhecer as madeiras que podem ser usadas para a construção da armadilha, especialmente a madeira do mourão²⁷ que é usada em todos os compartimentos do curral.

É importante afirmar que o conhecimento preciso e detalhado que os “pequenos” pescadores possuem para realizar a pesca de curral, muitas vezes não é sabido pelos proprietários de currais. Desprovidos desse conhecimento, muitas vezes, os donos de currais são apenas homens que possuem alguma disposição de capital para levantar um curral, que chega a custar em média 90 mil na região (ARAÚJO, 2013)²⁸.

Os currais da referida praia apresentam a forma “tipo coração” e são classificados de acordo com a distância que tem da orla da praia, sendo as seguintes as

²⁷ A madeira usada para servir de mourão (madeira que sustenta todo o curral) é a “Pau-pombo” (*Tapirira guianensis* Alb.), e são extraídas no estado do Maranhão sob a liberação do órgão competente, o IBAMA. Segundo depoimento dos pescadores quando essa madeira entra em contato com a água adquire resistência de ferro.

²⁸ O custo da construção de um curral na praia de Bitupitá varia dependendo do seu tamanho e localização. Os currais de fundo podem chegar a custar quase noventa mil reais, já os currais de beira ficam em torno de vinte mil a quarenta mil reais. Os custos se referem aos materiais e aos serviços de mão de obra. Vide mais informações na monografia intitulada “Modos de saber, fazer e viver. Uma etnografia dos “guardiões de currais” da praia de Bitupitá (Barroquinha- CE)” (ARAÚJO, 2013) que especifica os valores e materiais gastos para construção de um curral.

classificações: a) “currais de beira” (até três mn²⁹); b) “currais de meia carreira” (até cinco mn); e c) “currais de fora” (até dez mn). À medida que os currais se distanciam da costa, apresentam maiores dimensões. Os primeiros são construídos logo na linha de costa, já os últimos são construídos a mais de dezoito quilômetros da orla marítima. Devido às fortes correntezas provocadas pelas águas profundas, os currais de fora são construídos quase inteiramente de arame, isto é, os compartimentos denominados de “salinha” e “chiqueiro” são revestidos com arame para resistirem por maior tempo aos movimentos das correntes de maré.

Chaves (1973) registrou que em Acaraú os currais de pesca têm, assim como os currais de Bitupitá quatro compartimentos, no entanto, alguns currais têm um pequeno compartimento anexado, chamado de “chiqueiro falso”, o mesmo pode constatar em alguns currais de Bitupitá. As denominações dadas aos compartimentos de Bitupitá, bem como as suas descrições, são as seguintes: a “espia” que é uma cerca retilínea de esteiras de cipós posta perpendicularmente à linha do mar e que penetra no compartimento que tem forma de coração que é o segundo compartimento chamado de “sala grande” que, por sua vez, se acopla ao terceiro compartimento denominado de “salinha” que tem a mesma forma da sala grande só que com menor proporção; por último vem o “chiqueiro” que acoplado ao compartimento anterior tem o formato arredondado e complementa a grande armadilha.

Os pescadores que realizam a pesca de curral, que muitas vezes não são os proprietários dos meios de produção, como o barco e o próprio curral, detêm os conhecimentos, as estratégias e as técnicas para realização de todas as etapas da pesca de curral que podemos classificar em duas: “etapa de construção do curral” e “etapa de despesca”. Na “etapa de construção do curral” há as seguintes fases: “marcação”, “amouramento” e o “levantamento de esteiras”. Já na “etapa de despesca” constatamos que o trabalho de despescar o curral é constituída de quatro fases cruciais, aos quais classificamos da seguinte maneira: a “saída para o curral”, a “despesca no chiqueiro”, a “divisão nas cordas” e a “chegada em terra” (ARAÚJO, 2013).

Resultado de um conhecimento detalhado da natureza e que está em constante modelação e aprimoramento constante, os pescadores de currais realizam essas etapas do trabalho com muito rigor, planejamento, cálculo e com a observação atenta e

²⁹ Uma milha (mn) náutica é equivalente a 1.852 metros.

cautelosa. Como podemos observar nesse trecho que trata da primeira etapa de construção de um curral, denominada marcação³⁰:

Inicia-se a marcação pelo “Chiqueiro”. O marcador já com auxílio de cinco homens realizará a ação de medir; “seis braças” (uma braça equivale a um met. e meio.) de comprimento para o chiqueiro, “dezenove braças” (28,5 met.) para a “salinha”; e “setenta braças” (105 mt) para a “sala grande”. Para a espia são medidas 250 braças. É composto por 200 mourões fincados em linha retilínea e tem em média 400 mt de comprimento. As medidas da marcação do curral são tiradas pelo marcador com auxílio de seu braço; após mergulhar na água, o marcador indica o local em que o primeiro mourão deverá ser fincado. Depois de posto na vertical e fincado na plataforma continental pelos cinco homens – chamados de “batedores de mourão” – esse mourão servirá de referência para se retirar as medidas dos outros compartimentos do curral que também serão marcados com mourões e medidos com os braços, palmos e as pernas dos pescadores. (ARAÚJO, 2013, p. 33).

É por ser uma atividade “afinada” com a natureza que a pesca de curral é realizada cotidianamente por pescadores desprovidos de materiais industrializados. Um aspecto de grande importância diz respeito às medidas de comprimento usadas na praia de Bitupitá pelos pescadores para a realização de todas as etapas da pesca de curral, desde a marcação até o momento de despesca as medidas são feitas através das partes do corpo e em algumas etapas, há o uso de pedaços de cordas de polietileno. No entanto, as braças e as palmas são as medidas cruciais para a marcação, a construção e a própria pesca de curral na praia de Bitupitá. Quando interrogados sobre o tamanho dos compartimentos dos currais eles não usam o sistema métrico decimal, utilizam sempre os termos, como por exemplo, “uma braça”³¹, que corresponde num homem de tamanho médio, com os braços estendidos horizontalmente, da extremidade dos dedos de uma das mãos à dos da outra. É chamada também de “braça marítima” que equivale a sete palmos e no sistema métrico corresponde a aproximadamente 1m60.

A “marcação do curral” é o nome dado à ação de determinar o “chão de mar” onde serão construídos os compartimentos do curral. A marcação acontece durante a maré vazante, período em que o nível de água do mar está mais baixo. A marcação é

³⁰ Em Bitupitá os currais estão dispostos em fila indiana, conhecidas localmente como “carreiras”, e denominadas de acordo com a Capitania dos Portos em linhas A, B, C e D. Essas linhas distam cerca de 700 braças (equivale a mais de mil metros) entre uma e outra. Para salvaguarda da atividade de navegação na área, a posição dos currais é registrada na carta náutica Nº 511 da Capitania dos Portos.

³¹ Segundo Seraine (1958, p. 272), em referência ao estudo do antropólogo norte-americano Robert Lowie no seu livro *Antropologia Cultural* (1947), sublima que essas formas de medida foram usadas para medir as peles de gado e que os californianos e melanésios mediam as conchas que serviam como moeda de troca por medidas marcadas com a mão.

realizada geralmente nos meses de maio a junho, nesse período o mar encontra-se calmo e com pouca agitação na superfície e a turbidez da água é menor (da superfície é possível ver o fundo do mar a uma profundidade de 15 a 20 metros). Questionado sobre se o período bom para marcar curral era a estação do “verão”³², um dos marcadores de curral, homem experiente e conhecedor do mar, relata:

No inverno é melhor, quando o tempo tá brando, quando é assim mês de maio até agosto é bom porque o vento tá bem calmo ainda. Mas assim no verão é mais pesado porque a gente vai e bota lá o “banco” e a malha vira e tem maré que a gente vai e não faz nada só lutando com banco dentro d’água. (João Estevão, 74 anos. Entrevista gravada em 07 de janeiro de 2015).

Em Bitupitá (Araújo, 2013) a marcação é feita por seis a dez homens que conforme as orientações do mestre de marcação, realizam a ação de socar dezessete a vinte mourões de 10 a 15 metros de altura a uma profundidade média de um metro. Os mourões chegam a pesar trinta a cinquenta quilos³³. Chaves (1973) ao tratar da etapa de marcação de um curral de pesca em Acaraú aponta a observação atenta e o rigor como características cruciais para a execução da arte de marcar curral pelo engenheiro de curral, denominação dada pelo autor ao se referir ao homem que marca curral. O referido autor faz uma descrição minuciosa da instalação dos vinte mourões que servem para a etapa de marcação de um curral em Acaraú e apresenta os nomes dados aos mourões, sendo eles os seguintes: “mourão mestre”, “mourão guia”, “mourão barla vento”, “mourão sota vento”, “mourão de boca”, “mourão de meia marca de barla vento”, “mourão de meia marca de sota vento”, “mourão de encolamento ou mourão de ombro” e o “mourão de abrigão”.

Em entrevista aberta com um dos mais antigos marcadores de curral da praia de Bitupitá registramos o relato do processo da transmissão dos saberes inerentes ao sistema de marcação que é transmitido de pai para filho. O pescador expõe:

É eu era garoto, novo, devia ter uns 10 anos e já andava com ele (pai do pescador). O curral dele era o primeiro curral dessa carreira aqui, da C, ai eu via ele, ele marcava lá pros outros, ai ele chamava e eu ia (...)

³² No Ceará, 89% das chuvas acontecem durante o primeiro semestre, nesse período ocorrem os ventos brandos de norte e de leste. Durante o segundo semestre ocorre os ventos alísios de nordeste, responsáveis pela agitação do mar, principalmente durante os meses de agosto a outubro. Assim, no Ceará, conforme a pluviosidade podemos caracterizar os períodos do ano em seco e chuvoso, o período chuvoso compreende o “inverno” e o período seco é conhecido como o verão.

³³ Na praia de Bitupitá, o trabalho de marcar o curral é contratado pelos “donos de currais”, homens que pagam R\$ 1.000,00 pelo serviço contratado do marcador e R\$ 50,00 (diária) para os cinco ajudantes.

olhava, observava. Ai pronto, ai eu disse “rapaz agora vou levantar um curral pra mim” ai eu comprei os material, meus vizinhos disseram que eu ia estragar, era melhor mandar outra pessoa marcar, papai já tinha ido embora. Ai eu disse “quem vai marcar é eu mermo, comprei o material, não tô devendo nada a ninguém se eu errar é meu não tem problema não”. Ai marquei o primeiro curral em 63 de lá pra cá fiquei trabalhando pra gente mesmo. (João Estevão, 74 anos. Entrevista gravada em 07 de janeiro de 2015).

Questionado sobre as estratégias de marcação, o mesmo marcador expõe que uma das técnicas usadas para estabelecer a posição e fincar o primeiro mourão, que serve de guia para determinar a posição dos outros mourões que compõe a marcação do curral é feito tomando como referência pontos estratégicos da terra³⁴, como as árvores ou casas de dois ou mais andares:

Tiro o rumo da carreira olhando pra terra, veja bem, olha lá esta aquele coqueiro aculá, eu tenho que quando arriar esse primeiro pau aqui (mirar o coqueiro), a gente fica em pé no banco aqui pra olhar, por que se vir pra cá ele já vai sair da mira, já tá “roubando”³⁵. (...) tem que preencher um no outro, porque se eu botar aqui e botar um bem ali naquela caminhonete eu tenho que balizar na caminhonete aqui pra pegar aquele último de lá, tem que preencher os três igual, se sair da rota já tá roubando já pelo outro lado. A gente tira a medida pela terra, como bem por um coqueiro, um “prediozinho”³⁶. Um coqueiro é bom da gente se basear lá fora, avista bem, ai a gente preenche aqui, ai não tem como roubar. Porque a gente tem que botar os pau tudo de acordo pra ficar tudo igualzinho. (João Estevão, 74 anos. Entrevista gravada em 07 de janeiro de 2015).

Ainda, segundo informações dos marcadores de curral da praia de Bitupitá, antes do início da marcação do curral é realizada uma série de observações essenciais para o sucesso do curral de pesca, dentre as quais se destacam: o tamanho e declividade da margem, tipo de substrato, flutuação da maré e a influência da correnteza e do vento. Além disso, após o término da marcação são realizados alguns “testes” pelos “mestres de marcação”³⁷ para garantir que o curral está bem marcado. Esses testes podem variar em métodos e técnicas de acordo com o conhecimento e preferência do marcador. Um dos marcadores de curral, chamado na praia de Bitupitá por “mestre Waldemar”, após a marcação, despeja uma quantidade de areia na entrada da armadilha e observa como essa areia irá se dispersar para o interior do curral. O “mestre Zé Tuda” se utiliza de um

³⁴ Essa técnica é similar á técnica de marcação de “caminho” e “assento” utilizada em pescarias de linha em toda a extensão costeira do Nordeste brasileiro (BRAGA, 2013; MALDONADO, 1993).

³⁵ Expressão usada para designar que está fora do alinhamento devido.

³⁶ Não há prédios na referida localidade. A expressão foi usada para designar casas duplex.

³⁷ Denominação dada pelos moradores locais para os homens que possuem os conhecimentos de marcar curral.

pedaço de madeira que é lançado na água no compartimento da “salinha”. Se o curral estiver bem marcado, as correntes deverão se encarregar de levar o pedaço de madeira para o final do chiqueiro. O “mestre José Rocha” se vale do próprio corpo para observar a precisão da marcação do curral: dentro d'agua pelo lado de fora da armadilha o mestre se agarra com as mãos ao mourão mestre. Caso seu corpo fique na horizontal, isto indica que o curral está bem marcado³⁸.

Após quatro dias de marcação do local de instalação do curral que consiste no cálculo feito em braças e palmos para instalar dezessete mourões de forma a indicar onde ficará cada um dos quatro compartimentos, ocorre à etapa de fincar os mourões que irão formar cada compartimento, é a etapa chamada “amouramento”. Nesse momento entram em cena os “batedores de mourão” que utilizam para essa etapa os seguintes instrumentos de trabalho: dois “mâi” (nome dado ao imenso martelo de madeira que pesa cerca de 10 kg) e um “banco” (nome dado a estrutura de madeira que tem forma de cavalete) que é apoiado na plataforma continental de maneira que fique um banco acima do nível do mar para que aí os trabalhadores façam suas tarefas de bater os mourões. Essa etapa consiste nos seguintes procedimentos:

Primeiramente, os mourões são posicionados a cada braçada (medida dos pescadores que equivale a 1,5 met.) enquanto que as varas são colocadas a meia braçada. Para fincar os mourões os homens utilizam um martelo de madeira e um banco - com as seguintes dimensões: 1,5 a 2 met. de comprimento por 50 cm de largura - amarrado com cabos de corda a outros dois mourões já fixos. Os pescadores utilizam também uma âncora para deixar o banco em pé. Utilizando esses dois imensos martelos de madeira que, como já enfatizado, chegam a pesar 10 kg cada, dois homens equilibram-se em cima do banco. Em pé esses homens aguardam um terceiro batedor de mourão que terá a tarefa de afundar o mourão e leva-lo até o devido local onde deverá ser fincado. O homem precisa do auxílio de uma corda que fica amarrada no pé de outro mourão para conseguir afundar o mourão de 50 kg que flutua sobre a água³⁹. Depois de colocado firmemente em pé, o mourão agora

³⁸ Há na praia de Bitupitá quatro mestres marcadores de curral reconhecidos pelos moradores: o mestre José Rocha, 89 anos, o mestre João do Estevão de 74 anos (filho de um mestre marcador falecido), o mestre Waldemar do Padre de 61 anos e o mestre Zé Tuda. Desses quatro, somente o Zé Tuda tem exercido a atividade atualmente, sendo ele e o mestre Waldemar os responsáveis pela marcação dos currais desde 1995. Este último devido a uma doença laboral relacionada á atividade de mergulho abandonou a atividade de marcação e atualmente trabalha com a compra e venda de peixes capturados pelos currais. Os mestres relatam terem passado os conhecimentos uns para os outros, além de muitos terem aprendido com os pais.

³⁹ Isto ocorre devido à força do empuxo exercida sobre o mourão, isto é, o corpo do mourão sofre, por parte do fluido, uma força vertical para cima, cuja intensidade é igual ao peso do fluido deslocado pelo mourão. Como a intensidade da força de empuxo é maior do que a intensidade da força peso do mourão ele é levado para a superfície ($E > P$). Por isso o homem tem o auxílio de uma força peso que o puxa para baixo, nesse caso, o cabo que está amarrado no pé de outro mourão, ou melhor, ao segurar no cabo que

é fixamente segurado por um dos homens que está no banco. Este, por sua vez, impulsiona com sua força o mourão para baixo na intenção de manter a imensa vara na vertical. O outro homem que está no banco em pé utilizando o “mâi” começa a martelar o mourão, enquanto o que segura faz movimentos circulares com o mourão no intuito de que esses movimentos facilitem a formação da cavidade na qual ficará fincado permanentemente o mourão. Esse processo é feito até que o mourão esteja pelo menos meio metro fincado no solo. (...) Os homens, em pé no banco, vão batendo no mourão com os “mâis” de forma intercalada. Acompanhando o ritmo das intensas marteladas os homens emitem com a mesma força que arremessam o “mâi” no mourão, os seguintes sons: “Hei” e “Ha”, intercalados. (ARAÚJO, 2013, p. 41)

As fases de construção do curral dura em média de três a quatro meses, sendo esse trabalho realizado principalmente durante as marés vazantes devido às baixas profundidades encontradas durante esse período. Ao todo, são necessários 600 mourões para a construção de um “curral de beira” e até mil mourões para construção de um “curral de fora”. Os mourões são revestidos a partir de esteiras de arame tecidas em estaleiros à beira mar. Em média as esteiras possuem doze metros de altura e vinte metros de comprimento.

Depois de construídos os currais podem durar cerca de seis a nove meses. Durante as campanhas de despesca, os pescadores realizam trabalhos de reparo e reposição de arames e demais materiais que necessitam serem trocados para fazê-los durar o ano todo, já que os ventos e as marés desgastam os mourões, as esteiras de arames e as telas de nylon. Nesse processo de reparo a madeira pouco é reaproveitada, pois fica coberta de lodo e de cracas, já a esteira de arame é mais resistente e pode ser reutilizada se reparado alguns defeitos encontrados. Essas armadilhas de peixe não utilizam nenhuma espécie de isca por isso a captura depende do peixe movimentar-se “espontaneamente” para dentro dela. Os fatores mais importantes que determinam a eficiência desta arte de pesca – além dos fatores naturais como o regime de chuvas, correntes de maré e os ventos⁴⁰ –, são: a sua localização e a disposição de seus

está amarrado no pé de outro mourão (já fincado no solo marinho) a intensidade da força de empuxo ficará menor do que a intensidade da força peso ($E < P$) do homem e do mourão. Entretanto, como a força peso é maior que a força de empuxo, o mourão, que antes estava flutuando, irá agora afundar. Desta forma, o pescador consegue levar o mourão até a superfície de areia que deverá ser fincado pelos homens que estão no banco.

³⁰ Tavares (2005) em seu estudo sobre currais do Pará destaca que, como o plano de evolução da lua em torno da Terra não está no mesmo plano de evolução da Terra em torno do Sol, existem efeitos diversos gerados pela ação destas duas forças nos ciclos das marés, sobretudo no que se refere à amplitude das mesmas. Desta forma é possível encontrar ciclos de marés de diferentes amplitudes em diferentes pontos geográficos, tendo como exemplo mais marcante a região costeira do Brasil, onde se observa que as

compartimentos com relação às correntes de maré. Segundo relatos de pescadores experientes da praia de Bitupitá a pesca de curral é mais proveitosa nas águas de lua cheia, no inverno e quando os ventos estão brandos.

Os homens responsáveis pela construção de um curral de pesca são denominados de “marcadores”, “tecedores de esteiras” e os “armadores”, também conhecidos como os “batedores de mourão”, são esses homens, na maioria das vezes, que também realizam os trabalhos de despesca, no entanto quando no momento de realização de despesca recebem outros nomes referentes à função desempenhada, sendo os nomes e a descrição das funções as seguintes: “vaqueiros” e “mata-vaqueiros” que são as figuras centrais para realização do trabalho de retirada do peixe dos currais, o “lançador” ou “enlaçador” que é responsável junto com o “boqueiro” – homem que se equilibra em pé sob dois mourões – para fechar a rede de pesca e não deixar os peixes saírem, o “boqueiro” deve, quando no início da abertura da rede no chiqueiro, segurar um dos “calões” – nome dado ao mourão que é preso a rede de pesca – com um dos pés e apoiar o outro pé em cima de um mourão do compartimento chiqueiro para que o outro “calão”⁴¹ da rede de despesca seja aberto pelos “mergulhadores” que tem a função de passar a rede pelo chiqueiro de forma que todos os peixes não escapem da varredura feita por eles, como podemos observar melhor na descrição do momento de despesca:

Ao chegarem próximo da imensa armadilha os pescadores amarram a canoa na parte de fora do curral tarefa exercida principalmente pelo vaqueiro. Após amarrada a canoa, o mata-vaqueiro cai na água, segurando a rede e é auxiliado pelo vaqueiro, e entram no chiqueiro através de uma “espécie de portinha” desse mesmo compartimento. Um desses dois pescadores irá realizar a função do chamado “boqueiro”, pois ficará na entrada do “chiqueiro” (chamada de “boca”), segurando um dos dois calões da rede com o pé. O “boqueiro” terá que se equilibrar com um dos pés em cima de um mourão da “boca do chiqueiro” enquanto que o outro pé estará impulsionando o calão da rede para baixo de forma que não permita a saída de nenhum peixe. Enquanto isso, três pescadores já estarão distribuídos em lugares diferentes do chiqueiro a uma distância de dois metros um do outro para realizarem a função de mergulhadores. Ao mergulhar, o pescador encosta os pés na superfície do mar e segura a parte inferior do calão, enquanto o outro mergulhador segura o calão na superfície. O que

amplitudes máximas de marés podem atingir aproximadamente 7 m na região Norte (EL-ROBRINI, 1992). Essa grande amplitude de marés é que possibilitam a construção dos currais-de-pesca em áreas localizadas bem próximas da costa (TAVARES, 2005, p. 18).

⁴¹ O termo designa à madeira usada nas duas pontas da rede de pesca usada no curral para facilitar sua abertura.

mergulhou terá que caminhar para frente⁴², segurando com uma das mãos, nos mourões do chiqueiro e, com a outra mão, levando o calão rente a areia e à estrutura de esteiras do compartimento. O “mergulhador” que segura o calão na superfície terá que empurrá-lo para baixo, no intuito de não deixá-lo flutuar, mas também caminhará para frente de forma que o calão acompanhe os movimentos da “parte inferior”. Passado um tempo de até, no máximo, dois minutos, o homem que estava na superfície mergulhará e o que estava submerso irá para cima⁴³. Quando o calão está se aproximando do final do chiqueiro o “boqueiro” fecha a rede nas tralhas de boias e chumbadas, isto é, puxa uma espécie de cabo (carregadeira) que fecha tanto a parte superior quanto a parte inferior da rede. Segurando nas “carregadeiras”, os homens sobem na embarcação e puxam a rede para dentro da canoa. (ARAÚJO, 2013, p. 39).

Podemos constatar, após uma série de descrições do trabalho dos pescadores artesanais de Bitupitá, que a lógica que rege a prática da pesca de curral é construída e elaborada através de um arsenal de saberes provenientes de vários processos de observação que se caracterizam como uma atividade tecnicamente calculada e de muita investigação. Desse modo, é possível afirmarmos que se trata de um conhecimento tradicional que se constitui tanto em seus processos de investigação cotidianos quanto nos acervos já prontos transmitidos pelas gerações anteriores (CUNHA, 2009).

A prática da pesca de curral é construída na interação intensa entre natureza e cultura, uma vez que o seu exercício se dá a partir das observações, das experiências e da compreensão da dinâmica do meio natural, sendo, desse modo, inteiramente alicerçada, no que Ingold (2000) denominou por “sinergia entre a dinâmica do organismo e a do ambiente”. A pesca de curral não é exercida de forma aleatória, nem é fundamentada em conhecimentos precários do meio ambiente. Muito pelo contrário, por exercerem a prática da pesca de curral em um meio imprevisível e instável da natureza, os pescadores de curral “enraizaram” seus modos de sentir, pensar e agir sobre o meio

³⁹Os mergulhadores não utilizam nenhum equipamento de mergulho, exceto máscaras, que servem para adaptar a visão humana ao meio aquático, já que cria um espaço de ar entre os olhos e a água.

O tempo médio que um pescador de Bitupitá fica submerso na água é de, no máximo, dois minutos.

⁴³ Ao mergulhar, os pescadores, tem seus pulmões “espremidos”, à medida que descem e a pressão a sua volta aumenta o volume de ar nos pulmões diminui, o tórax se encolhe e o abdômen também como se estivesse exalando. Ver livro *Manual do Mergulho Autônomo Desportivo*, in: Cousteau, Jaques-yves. O mundo dos oceanos, Adriano Peregrino. O fato dos pescadores mergulharem sem equipamentos de mergulho e ficarem durante muito tempo submersos na água faz com que muitos pescadores da praia tenham problemas de respiração e pulmonares.

natural num sistema de saberes embebido por rituais, mitos e conhecimentos tradicionais que se criam e recriam no fazer cotidiano dessa arte de pesca.

Territórios tradicionalmente ocupados: a praia de Bitupitá (Ceará) e os direitos dos pescadores de currais.

Após a contextualização das dimensões sociais e simbólicas da pesca de curral na praia de Bitupitá torna-se de grande importância tecer uma breve discussão sobre as transformações geradas pela efetivação de políticas de turismo na praia de Bitupitá e os dilemas postos ao Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT).

Com o término da construção da estrada asfaltada, em 2014, financiada com recursos do PRODETUR I, o turismo existente na praia de Bitupitá se intensificou e os pescadores começaram a mesclar as atividades de pesca com as atividades demandadas pelos turistas⁴⁴. Além do número de pousadas que até o ano de 2013, era possível encontrar quatro pousadas para hospedagem de turistas, no ano de 2015 são encontradas sete pousadas em funcionamento na praia de Bitupitá⁴⁵. No entanto, é importante expor que o número de pescadores ainda não se reduziu na praia de Bitupitá, mas a quantidade de terrenos vendidos a especuladores imobiliários aumentou em grande número, principalmente na praia vizinha, chamada praia de Curimãs, que já apresenta vários conflitos de ordem territorial com especuladores italianos, franceses e alemães.

Conforme os dados da entrevista com Cassimiro de Abreu, coordenador de turismo de Barroquinha, a dificuldade em conseguir recursos do Programa de Desenvolvimento de Turismo (PRODETUR) pelo município de Barroquinha é uma das maiores dificuldades enfrentadas pela referida secretaria, uma vez que os recursos do Ministério do Turismo somente são liberados para uma determinada região quando há um determinado número de moradores locais cadastrados no site do MTur como

⁴⁴ Os pescadores realizam passeios de barcos até os currais de pesca e no estuário no rio Timonha e Ubatuba e passeios de buggys pelas praias do litoral de Barroquinha, atividade realizada apenas por um morador local.

⁴⁵ Registramos em 2015 a presença de sete pequenas pousadas de propriedade de moradores locais distribuídas nas quatro ruas principais do lugarejo, sendo as seguintes pousadas: Pousada Dunas, Pousada do Tahim, Pousada do Dadá, Pousada Beira Mar e Pousada do Zé Belinha, todas localizadas na rua da praia. A pousada “Ronco do mar” e “Hotel Bitupitá” estão situadas, respectivamente, na Rua do meio e na Rua Central.

trabalhadores e autônomos de atividades turísticas. Segundo Cassimiro os moradores locais de Bitupitá realizam atividades do “ramo turístico”, no entanto eles não se cadastram como trabalhadores autônomos desse ramo, conforme designa o regimento do Mtur, porque receiam perder a assistência de programas do Governo, como o “bolsa família”, além de perderem os direitos como pescadores artesanais. Segundo o referido coordenador há apenas duas pousadas do local cadastradas no MTur, sendo elas: Pousada Dunas e a Pousada do Dadá.

Aqui é válido perceber como os pescadores manipulam a “identidade” de forma estratégica, ou seja, eles são e querem ser reconhecidos como pescadores tradicionais e têm clareza quanto aos seus direitos como pertencentes a esta categoria, ao mesmo tempo eles atendem as necessidades dos turistas que chegam à praia, construindo pousadas e realizando passeios de barco, mas não se inscrevem como trabalhadores do turismo no site do Mtur. Fica evidente que é preciso levar em conta o processo específico, o contexto e os atores de poder e de interesses envolvidos na situação em que “uma identidade” é instrumentalizada. Se no primeiro momento a identidade é manipulada como estratégia do pescador para inserir-se em um grupo de pertencimento, no caso pescadores tradicionais; no segundo momento, o contexto e os atores a quem ele se dirige, no caso os turistas, são levados em conta para manipularem uma identidade de “trabalhadores do ramo turístico”.

Nesse sentido, é possível perceber como os processos de intensificação do turismo em regiões habitados por povos e comunidades tradicionais podem servir, em determinado momento, para trazer à tona processos de afirmação e de pertencimento a uma categoria, no caso estudado de pescadores tradicionais, ou seja, a “identidade de pescador tradicional” pode, e, é acionada como uma estratégia específica usada pelos pescadores em determinadas situações; e, por outro lado, “pode dificultar o acesso a recursos dos planos e políticas nacionais de turismo”.

Portanto, uma identidade se afirma diante de outras que com ela se colocam como opostas, como aponta Cunha (2009) quando traz a noção de “identidade” com uma percepção de continuidade, de um processo e de um fluxo indo contra a noção de identidade como um horizonte a ser almejado, como um conjunto de itens, regras, valores, posições previamente dados. Seguindo essa perspectiva, a autora aponta que a

cultura não seria um conjunto de traços dados, mas a possibilidade de gerá-los em sistemas cambiantes.

A permanência legal dessas comunidades nos territórios tradicionalmente ocupados por elas há mais de cem anos é assegurada, em termos jurídicos, pelo Decreto nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais (PNPCT) que contempla por “povos e comunidades tradicionais” grupos culturalmente diferenciados que se reconhecem como tais e possuem formas próprias de organização social, ocupando e usando territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica e que utilizam conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição.

Partimos da ideia de que os pescadores de curral da praia de Bitupitá podem se inserir no rol de povos e comunidades tradicionais, uma vez que constroem, há gerações, um complexo sistema de conhecimento acerca da natureza, elaboram práticas conduzidas por regras partilhadas entre seus membros, envolvendo conexões entre humanos, o meio terrestre, o meio marítimo, espécies aquáticas e plantas. Nesse sentido, Arturo Escobar expõe que:

(...) Talvez a noção mais difundida hoje é que os modelos locais de natureza não dependem da dicotomia natureza / sociedade. Além disso, ao contrário de edifícios modernos com sua estrita separação entre o mundo biofísico, o humano e o sobrenatural, é comumente entendido que os modelos locais, em muitos contextos não-ocidentais, são concebidos como suportado em ligações de continuidade entre as três áreas. Esta continuidade - que ainda pode ser experimentado como problemático e incerto - é culturalmente enraizada através de símbolos, rituais e práticas e se reflete especialmente nas relações sociais também diferem em relação, tipo capitalista moderno. Assim, os seres vivos e não vivos, e muitas vezes sobrenaturais não são vistos como entidades que são domínios distintos e separados - eles definitivamente não são vistos como esferas da natureza e da cultura de oposição - e considera que as relações englobam mais do que humanos (tradução minha, ESCOBAR, 2000, p. 119).

Guedes, Mello e Pereira (2014) apontam que os discursos, ações e políticas que os movimentos sociais de “povos e comunidades tradicionais” reivindicam tem uma forte referência ao lugar, ao território, exigindo em seus discursos que os decretos, leis e/ou políticas quando formuladas considerem os seus modelos de natureza baseados no lugar, com suas correspondentes práticas culturais e a valorização de certas

particularidades de modos de vida peculiares em certas regiões, pois são essas práticas objetos de esforços para “visibilizá-las”⁴⁶.

Sobre esse ponto é importante expor que entre os pescadores artesanais do litoral cearense, em particular os pescadores de currais de Bitupitá, há formas de apropriação do mar e da terra articuladas em função de seus usos, significados e conhecimentos tanto do meio marítimo, quanto do meio terrestre. No caso dos pescadores de Bitupitá, o usufruto de determinadas áreas estende-se para além da terra para incluir territórios marinhos. Segundo Soraya Tupinambá (1999) a “territorialidade” desses pescadores se constrói através de intensas relações que eles estabelecem com o mar e com a terra, elaborando uma territorialidade a partir do binômio “terra e mar” e, que se constitui através de uma espécie de “territorialidade relacional”, segundo a autora. Para os pescadores de currais de Bitupitá, a “marcação” do “chão de mar” realizada para construção de um curral é um elemento fundamental para a apropriação e ao usufruto do mar. A mesma importância é dada para a orla costeira, já que aí ficam os barcos que são levados para o mar pela técnica de rolamento. A familiaridade dos pescadores com os “territórios marítimos”, chamados de currais, e com a orla da praia, cria uma espécie de “territórios relacionais”, como nomeia Tupinambá, que são incorporados à prática da pesca de curral. Nesse sentido, na mesma medida em que é um recurso, o mar compreende também a noção de lugar, mediante a qual os pescadores de currais definem e delimitam sua territorialidade.

Segundo Little (2002), o uso do conceito de “povos e comunidades tradicionais” procura oferecer um mecanismo analítico capaz de juntar elementos como a existência de regimes de propriedade comum, o sentimento de pertença e a busca por autonomia cultural que os diversos grupos aglutinados nessa categoria mostram na contemporaneidade, ou seja, o conceito de “povos e comunidades tradicionais” busca encontrar semelhanças importantes dentro da diversidade territorial do país, ao mesmo tempo em que se insere no campo das atuais lutas territoriais em todo o território nacional.

⁴⁶ Sobre as populações tradicionais, Diegues (1996) descreve as variadas formas comunitárias de apropriação de espaços e recursos naturais baseadas num conjunto de regras e valores consuetudinários, da “lei do respeito”, e de uma rede de reciprocidades sociais, onde as relações de parentesco e compadrio assumem papel preponderante.

No entanto, a realidade da comunidade de pescadores de Bitupitá, evidencia que não se trata apenas da inclusão de contingentes populacionais que se encontram vulneráveis às ações do capital e das políticas do Estado em categorias e conceitos que lhes forneçam mecanismos de luta por seus direitos, mas são necessários mecanismos que façam valer esses direitos (RODRIGUES, 2010, p.18).

Além disso, uma nova dinâmica sócio-espacial, cultural e territorial decorrente da chegada de projetos turísticos na região pode gerar transformações na relação homem-natureza que perpassa e cinge a prática da pesca de curral na praia de Bitupitá e essa nova dinâmica pode provocar “desconexões” e “re-arranjos” na relação que os pescadores estabelecem com o “binômio terra e mar” o que pode por em risco a continuidade da pesca de curral, além, é claro, do possível desaparecimento dos saberes construídos tradicionalmente por esses pescadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, A.W. B. de. Terra de quilombo, terras indígenas, “babaçuais livre”, “castanhais do povo”, faixinais e fundos de pasto: terras tradicionalmente ocupadas. 2.^a Ed. Manaus: PGSCA–UFAM, 2008a.

ALMEIDA, J.M.L. O de. Terrenos de Marinha, proteção ambiental e as cidades, Ed. Paka-Tatu, Belém, 2008b.

ARAGÃO, Lorena Leite. *Nas terras de parente “sangue bom”*: herdeiros, não herdeiros e o estado nas transformações socioambientais do litoral do extremo oeste cearense. Monografia de Conclusão do Curso de Graduação em Ciências Sociais, UFC, 2014.

ARAÚJO, Antônia Gabriela Pereira de. *Modos de saber, fazer e viver: uma etnografia dos ‘guardiões de currais’ da praia de Bitupitá (Barroquinha- CE)*. Monografia de conclusão de curso de graduação em Ciências Sociais, Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, 2013.

ARAÚJO, Antônia Gabriela Pereira de. Vaqueiros e Mestres em alto mar. Uma análise dos processos de trabalho dos pescadores de curral da praia de Bitupitá – CE. In. 36º Encontro Anual da Anpocs. 21 a 25 de Outubro de 2012 em Águas de Lindóia, SP.

BRASIL. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis. Boletim Estatístico da Pesca Marítima e estuarina. Estatística da Pesca no Brasil, 2007.

CHAVES, Luís de Gonzaga Mendes Chaves. *Trabalho e subsistência Almofoala: aspectos da tecnologia e das relações de produção*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1973.

CUNHA, Manuela Carneiro. “Cultura com aspas”. In: *Relações e dissensões entre saberes tradicionais e saber científico*. São Paulo; Cosac Naify, 2009.

DIEGUES, A.C e ARRUDA, R.S.V. *Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil*. São Paulo: NUPAUB, 1999.

DIEGUES, A.C. **A sócio-antropologia das comunidades de pescadores marítimos no Brasil**. São Paulo, Nupaub, 1999.

DURKHEIM, Émile, MAUSS, Marcel. *Algumas Formas Primitivas de Classificação* (1903), in: MAUSS, Marcel, **Ensaio de Sociologia**, Ed. Perspectiva, São Paulo, 1995.

ESCOBAR, Arturo. **O lugar da natureza e a natureza do lugar: globalização ou pós-desenvolvimento?**. *En libro: A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Edgardo Lander (org). Colección Sur Sur, CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina. setembro 2005. pp.133-168

EVANS-PRITCHARD, E. E. **Os nuer**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

INGOLD, Tim. *Culture, nature, environment: steps to an ecology of life*. In: ____ *The Perception of the environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Routledge, 2000. (p.13-26).

IBGE, *Indicadores de desenvolvimento sustentável – Brasil. Dimensão ambiental - Oceanos, mares e áreas costeiras*, 2004.

LÉVI-STRAUSS, C. “A Ciência do Concreto”, In: **O Pensamento Selvagem**. Campinas, SP: Papirus, 1962.

LITTLE, Paul E. *Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade*. Série Antropologia, n. 322, Departamento de Antropologia/UnB, 2002.

MALDONADO, Simone Carneiro. **Mestres e Mares: espaço e indivisão na pesca marítima**. 2ª Edição. São Paulo, Annablume, 1994.

MALINOWSKI, B. **Os Argonautas do Pacífico Ocidental**, Abril Cultural, São Paulo, 1978.

PAIVA E NOMURA, M. P, e H, *Sobre a produção pesqueira de alguns currais de pesca do Ceará – Dados 1962 a 1964*. Arq. Est. Biol. Mar. Univ. Ceará, Fortaleza, v.5, n.1, p.1-8, 1965.

RAMALHO, Cristiano Wellington Noberto. Estado, pescadores e desenvolvimento nacional, *Ruris*, Vol. 8, nº 1, 2014.

RODRIGUES, Lea Carvalho. Turismo como estratégia de desenvolvimento na América Latina: dilemas e perspectivas de um modelo excludente. In: CARVALHO, Alba Maria P.; HOLANDA, Uribam X. *Brasil e America Latina - Percursos e dilemas de uma integração*. Fortaleza: Editora UFC, 2014.

RODRIGUES, L. C., ORTOLAN, M.H. e GONÇALVES, A.F. Antropologia e políticas públicas: dos encontros históricos ao diálogo teórico e metodológico. In *Saberes locais, experiências transnacionais: interfaces do fazer antropológico*. Lea Carvalho Rodrigues e Isabelle Braz Peixoto da Silva (Orgs.). Fortaleza, ABA publicações, 2014.

SAHLINS, Marshall. **Ilhas de história**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003.

SERAINÉ, Florival Alves. Curral de pesca no litoral cearense. Publicado no *Boletim de Antropologia*, v. 02, 1958.

TUPINAMBÁ, Soraya Vanini. Do tempo da captura à captura do tempo livre. *Terra e Mar: caminhos da sustentabilidade*. Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento e Meio Ambiente, UFC, Fortaleza, Dissertação, 1999.